PSICANÁLISE

Luis Kancyper

Ressentimento terminável e interminável

Psicanálise e literatura

Blucher

RESSENTIMENTO TERMINÁVEL E INTERMINÁVEL

Psicanálise e literatura

Luis Kancyper

Tradução

Emiliano de Brito Rossi

Ressentimento terminável e interminável: psicanálise e literatura
Título original: *Resentimiento terminable e interminable: psicoanálisis y literatura*
© 2010 Luis Kancyper
© 2018 Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kancyper, Luis
Ressentimento terminável e interminável : psicanálise e literatura / Luis Kancyper ; tradução de Emiliano de Brito Rossi. – São Paulo : Blucher, 2018.

288 p.

Bibliografia

Título original*: Resentimiento terminable e interminable: psicoanálisis y literatura*

ISBN 978-85-212-1202-7

1. Psicanálise e literatura 2. Ressentimento I. Título. II. Rossi, Emiliano de Brito.

17-0706 CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise e literatura

Conteúdo

Prólogo 9

1. Ressentimento interminável nas comparações fraternas de *O mal-entendido*, de Albert Camus 15

2. Remorso interminável na obra de Jorge Luis Borges 63

3. Culpabilidade encobridora na obra de Franz Kafka 119

4. Ressentimento, trauma e cisão: suas relações com a ressignificação e a historização 185

5. Ressentimento terminável e interminável em *O último encontro*, de Sándor Márai 225

Referências 265

Índice de autores 281

Índice remissivo 285

Prólogo

Bertolt Brecht assinala que a arte não é um espelho que reflete a realidade, mas um martelo para dar forma à realidade. E a psicanálise, como ciência e como arte, é simultaneamente espelho e martelo que reflete e aporta novas formas e visões às realidades psíquica e externa, erguendo diversas pontes entre ambas. A psicanálise soube nutrir-se das contribuições provenientes da dimensão inconsciente que habita toda a história da literatura. Esta alberga em seu seio certas obras que possuem a condição da arte: não envelhecer. Também abriu novas vias para a cultura ao elucidar algumas das fontes de seu mal-estar.

Considero que a psicanálise requer aguçar a capacidade de escuta da literatura, não pelo que já sabemos, mas por toda a novidade que esta tem a nos proporcionar.

Efetivamente, ler um texto é pôr em marcha seu acontecer. É entrar em sua verdade. É deixar que a obra do texto seja o que é, uma obra que, ao operar no interior do leitor, assinale seus irrefreáveis efeitos.

Conviria inverter as relações habituais entre psicanálise e literatura. Em vez de servir de campo de aplicação para conhecimentos analíticos previamente adquiridos, a obra literária interrogará, daqui em diante, a psicanálise até dotá-la de novos instrumentos de escuta e compreensão. Somente os escritores maiores – aqueles que criam e que, ao criar, nomeiam o mundo – depreendem dele um adjetivo. Ao constituí-lo, o tornam substantivo: o shakespeariano, o dantesco, o cervantino.

Neste livro, refiro-me ao kafkiano, ao borgeano e às personagens que povoam o mundo literário de Albert Camus e de Sándor Márai, para pôr em relevo como o poder devastador do estado afetivo do ressentimento e do remorso se manifesta na obra literária destes inolvidáveis criadores.

É assombroso cotejar como a psicanálise e a literatura enfrentam em comum a fascinante tarefa de sondar os labirintos da natureza humana. Compartilham o material e diferem na metodologia.

As manifestações do ressentimento terminável e interminável na literatura, na mitologia e na clínica nos possibilitam coligir como o poder do inconsciente gera seus próprios escândalos, tanto no sujeito quanto na psicologia das massas.

Segundo Zimmerman (1999), o termo "escândalo", advindo do grego *skándalon*, significou primitivamente tanto obstáculo quanto bloqueio que se interpõe no caminho, bem como ato que provoca indignação e sobressalto.

O inconsciente, com sua singular dinâmica, caracterizada pelos mecanismos que regem seu funcionamento e integram o processo primário – condensação, deslocamento, representação plástica, simbolização –, além dos fenômenos da atemporalidade e da não vigência da lógica aristotélica, costuma interpor-se nos resquícios da arquitetura conceitual, por onde se infiltram o misterioso, o incompreensível, o que Borges chama "escândalos da razão".

Disse Borges: "Oh ventura de entender, maior que a de imaginar!". Essa é sua grande busca. "Entender" quer dizer explicar pelas causas, submeter a realidade a um rigoroso processo conceptual, silogístico, que nos dê tranquilidade. A razão outorga sossego. Daí o escândalo, o desassossego e o obstáculo para a razão.

Em certos momentos, a força do inconsciente pode chegar a operar como "a pedra do escândalo", exteriorizando-se através de sintomas, inibições, falsos enlaces, lapsos, angústias e afetos que se esquivam ao domínio voluntário, chegando a gerar mal-entendidos. Estes, por sua vez, originam novos mal-entendidos, que costumam interpor-se nos âmbitos da razão, para que o sujeito e as massas tropecem e percam o equilíbrio de suas ideias, afetos, convicções e atos. Contudo, em outros casos, o inconsciente funciona como fonte e motor de criatividade inesgotável, promovendo, no sujeito e no coletivo, a possibilidade sempre aberta de que se desdobrem imprevisíveis e ignotos horizontes de invenção.

Nos dizeres de Peter Gay (1995):

> *O inconsciente é um ingrediente necessário e permanente da natureza humana e segue sendo nos seres humanos mais sãos e mais bem adaptados um depósito de poderosas forças irracionais. Atua ao mesmo tempo como agente supremo da liberdade humana e, todavia, mais ainda como sua trava mais forte (p. 143).*

Os influxos do inconsciente veiculam-se através de um amplo espectro de processos que se manifestam na realidade psíquica como fantasias, identificações, traumas, crenças e afetos que costumam ressignificar-se ao longo de toda a vida e instalar-se na memória.

O acionar do inconsciente é silente.

Seu silêncio estrondoso e, ao mesmo tempo, surpreendente é descrito por Konstantínos Kaváfis (1985) em seu poema "Muralhas":

> *Sem consideração, sem piedade, sem pudor*
> *em torno de mim se levantaram altas e sólidas muralhas.*
> *E agora permaneço aqui em minha solidão.*
> *Meditando meu destino: a sorte rói meu espírito;*
> *tanto quanto teria de fazer.*
> *Como não adverti que levantavam esses muros.*
> *Não escutei trabalhar os obreiros nem suas vozes.*
> *Silenciosamente me taparam o mundo.*
>
> *(p. 74)*

As diferentes lógicas do inconsciente e da razão não se opõem entre si. Ambas se sustentam mutuamente na realidade, operam de um modo intricado e interagem de forma permanente, conjugando seus efeitos estruturantes e desestruturantes na constituição e no funcionamento da psicologia, tanto individual quanto social.

Neste livro, centro minhas reflexões no estudo de um afeto-chave: o poder do rancor (ressentimento e remorso), sua metapsicologia e clínica. Seus efeitos surpreendentes e devastadores já haviam sido assinalados com muita antecedência, há 25 séculos, por Heráclito de Éfeso (540 a.C.-470 a.C.).

> *Deve-se mostrar maior rapidez em acalmar um ressentimento que em apagar um incêndio, porque as consequências do primeiro são infinitamente mais perigosas que os resultados do último; o incêndio finaliza abraçando algumas casas no máximo, ao passo que o ressentimento pode causar guerras cruéis com a ruína e destruição total dos povos.*

Em nosso século, Elie Wiesel (2002) advertiu sobre a progressiva escalada tanática engendrada no fogo da caldeira do ressentimento,

a partir da qual se atiçam a intolerância e a destrutividade na dimensão intersubjetiva:

> *O ressentimento não conhece fronteiras nem muros de contenção e ultrapassa etnias, religiões, sistemas políticos e classes sociais. Não obstante ser obra dos humanos, nem o próprio Deus pode detê-lo. Cego e cegante ao mesmo tempo, o ressentimento é o sol negro que, sob um céu de chumbo, derruba e mata aqueles que se esquecem da grandeza do humano e da promessa que ele encerra. É preciso, portanto, combatê-lo oportunamente, despojando-o de sua falsa glória, que lhe confere sua escandalosa legitimidade (p. 28).*

A vivência do tempo suspensa pelo poder do ressentimento e do remorso é a permanência de um ruminar indigesto de uma afronta que não cessa, expressão de um luto que não se logra processar, não somente no próprio sujeito e na dinâmica intersubjetiva, mas que como sede de vinganças taliônicas pode chegar a perpetuar-se pela transmissão das gerações, selando um inexorável destino na memória coletiva. Contudo, há outro aspecto do rancor que vale a pena mencionar: ao ter como característica abrigar uma esperança vindicativa, esta pode chegar a operar como um porto na tormenta, em uma situação de desamparo, como um último recurso de luta em que o sujeito procura restaurar o quebrantado sentimento da própria dignidade, tanto no campo individual quanto no social, e fomentar assim um destino construtivo.

Efetivamente, o poder do rancor não apenas promove fantasias e ideais destrutivos como também pode chegar a propiciar fantasias e ideais tróficos, favorecendo o surgimento de uma necessária rebeldia e de um poder sublimatório, criativo, que tendem a estancar as

feridas provenientes dos injustos poderes abusivos originados por certas situações traumáticas. O sentido desse poder esperançoso opera para contestar e não se subjugar aos clamores de um inexorável destino de opressão, marginalização e inferioridade.

Essas duas dimensões antagônicas e coexistentes do poder do rancor desdobram-se em diferentes graus, e é preciso reconhecê-las e apreendê-las na totalidade de sua complexa e aleatória dinâmica.

Clique aqui e:

Veja na loja

Ressentimento Terminável e Interminável

Psicanálise e Literatura

Luis Kancyper

ISBN: 9788521211426
Páginas: 328
Formato: 17 x 24 cm
Ano de Publicação: 2018